

UMA DESPEDIDA

MAX E EU

LUIZ EDMUNDO **BRÍGIDO** BITTENCOURT
Vice-Almirante (Ref^o)
Consultor Especial para a RMB

Após anos de serviço dedicado à memória e à cultura da Marinha, o Almirante Max Justo Guedes se despede da Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha.* Vejo com pesar esta substituição, embora, na realidade, não deva haver um afastamento da Marinha, pois tenho certeza de que, em seu escritório, na sua residência ou mesmo em São João del Rey, o Almirante Max estará trabalhando, como sempre fez, para o engrandecimento e a divulgação de sua querida Marinha.

Max e o Serviço de Documentação da Marinha, para nós que vivemos a segunda metade do século XX, são sinônimos, não apenas uma simbiose natural, pois não há como desfolhar as páginas da história da Marinha sem que o seu nome não venha imediatamente às nossas lembranças.

Conheci o Max na Escola Naval nos idos de 1946, quando ele sentou praça de aspirante e eu já era um “veteraníssimo”, cursando o segundo ano superior.

Eu era esportista no basquete, no vôlei e nas corridas de fundo e o Max também, mas ele se destacava em outras áreas, dentre elas o halterofilismo: os exercícios eram religiosamente diários e ele possuía pesos de sua propriedade e tinha uma grande vaidade de seus bíceps, embora fizesse um esforço, mal disfarçado, para mostrar que seu físico era coisa normal, da natureza.

Nos estudos, Max não primava pela excelência; pelo contrário, em não tão boas companhias na turma, suas atividades eram outras, bem afastadas das apostilas.

Em 1948, esse Max mostrava outra face de “sua moeda”, dando uma prova de boa

* N.R.: Veja Noticiário neste exemplar na pág. 305.

formação moral que possuía, juntando-se ao grupo que pediu baixa em solidariedade aos seus colegas mais antigos do último ano (eu inclusive) que tinham sido expulsos (matrícula trancada), mas com direito a pleitear a sua reintegração no ano escolar seguinte. Deve ser ressaltado que ele, Max, e seus colegas, ao assinarem o pedido de desligamento da Escola Naval, estavam abrindo mão de seus sonhos de uma carreira de oficial de Marinha, pois o atendimento a um pedido daquela natureza era irreversível!

Mas a Marinha, com seu bom senso, providenciou para que a burocracia não prejudicasse quatro turmas de oficiais que deixariam de existir por único e exclusivo resultado da inabilidade de chefes, que, a meu ver, já havia sido reconhecida.

No nosso regresso encontramos a Escola totalmente diferente, agora como deveria ter sido sempre, considerando que eram os aspirantes a peça fundamental daquela organização.

À frente do Corpo de Aspirantes, lá estava uma figura ímpar, própria para a função e a ocasião: o Capitão-de-Corveta Newton Tornaghi. Era um oficial especial: militar, jovial, marinheiro, esportista, com visíveis sensibilidades artísticas e, sobretudo, amigo dos jovens, com eles compartilhando a sua vida. Enfim, era o líder de que os aspirantes necessitavam.

Entre inúmeras novidades trazidas por Tornaghi, estavam os grêmios, organizados e geridos por aspirantes, dedicados ao culto e à divulgação de alguma atividade específica. Assim foram criados e/ou reativados os grêmios de tiro, de box, de fotografia, de radioamadorismo, de inglês, de francês e muitos outros, inclusive o grêmio de halterofilismo, do qual Max foi sócio fundador.

Não me lembro da causa primeira, mas sei que o nosso líder Tornaghi chamou o

Max e com ele teve uma conversa séria, franca e eficiente, de modo que daquele instante em diante passamos a conhecer o Max aspirante estudioso, sério, a tirar grandes notas, aproximando-se de Stoffel, Vidigal e outros tradicionais bons alunos.

Foi uma virada sensacional, tornando-se o Max o guarda-marinha número 16 de uma turma originalmente de 115 e, após 1949, de 60 colegas.

Encontramo-nos, alguns anos mais tarde, já cursados, eu em armamento e ele em eletrônica, a bordo do Cruzador *Barroso*, eu encarregado da divisão F, ele ajudante da divisão E-2 (eletrônica), quando então passamos a nos conhecer melhor e iniciamos uma amizade, e eu a ter uma admiração pela sua pessoa que até hoje perdura. Éramos da mesma divisão de serviço e, como era procedimento-padrão naquele tempo, pernoitávamos a bordo de quatro em quatro dias. A eficiência e a seriedade com que as coisas eram levadas a bom termo pela nossa divisão de serviço eram fruto, entre outros motivos, da presença do Max.

Aos sábados, domingos e feriados de serviço, tínhamos uma certa compensação, como direito a banho de sol e ducha pela manhã no convés principal a vante, um *drink* à sombra dos canhões da torre 3 e muito papo, com muitas vantagens e mentiras “brancas” sendo contadas por cada um de nós. Que tempo bom! Quanta saudade!

O tempo passou e fomos nos encontrar mais uma vez, agora no Centro de Instrução Almirante Wandenkolk, eu como instrutor e depois encarregado do CEAO (Curso de Armamento para Oficiais), ele instrutor e encarregado da Escola de Instrutores (Técnica de Ensino).

Por necessidade do serviço, fui seu aluno, quando pude assistir à perfeita harmonia entre a teoria e a prática. Max cumpria rigorosamente – e para mim, magistralmen-

te – todas as técnicas que ensinava: de como planejar uma aula, de como fazer perguntas, de como cumprir as etapas da aula, de como se postar à frente da turma, de como apagar o quadro-de-giz, de como usar as transparências (era o que de mais avançado existia na época em matéria de recursos instrucionais) etc. etc. etc. E a sua aparência? Os uniformes, toda manhã, estavam impecáveis, com os vincos nos devidos lugares, os distintivos brilhando, sapatos reluzindo e o cabelo no regulamento. Era o exemplo a ser imitado!

O tempo passou, continuamos as nossas carreiras, eu até vice-almirante, diretor do Ensino e ele, por opção, até capitão-demar-e-guerra, sendo já há muito tempo responsável pelo arquivamento dos papéis da Marinha, pela sua história e sua cultura, à frente do Serviço de Documentação da Marinha.

Ao passar para a reserva, por um capricho do destino encontrei-me com Max no Clube Naval, que habitualmente não frequento. Ao me ver, disse: Brígido, você não gostaria de ser o encarregado da *Revista Marítima Brasileira*? Dourou com entusiasmo a pílula que queria que eu tomasse, o que não seria preciso, pois voltar à Marinha era bom demais para mim!

Acertadas as condições do novo “emprego” (com retribuição material nula, mas excepcionalmente alta emocionalmente falando), tornei-me responsável pelo conteúdo da revista. Posteriormente, ganhei o título de “consultor especial”, continuando a fazer o que fazia.

Então, passamos a viver vidas paralelas e bem próximas uma da outra, pois remávamos na mesma canoa, embora às vezes não

encontrasse o Max quando o procurava, pois ou estava no exterior a serviço, fazendo parte de uma banca de mestrado ou doutorado em universidade de Portugal, ou fazendo conferência na Espanha, ou representando o Museu Nacional nos Estados Unidos! Ele tinha e tem um bonito nome, que muito honrava e honra a Marinha!

A partir de então pude observar o nível de limpeza e arrumação que possuíam as dependências do Museu. Presenciei também algumas manifestações do Max chamando a atenção de um subordinado, homem ou mulher, mesmo que para uma pequena imperfeição (a imperfeição poderia ser pequena, mas o chamamento do Max...). Assisti, ainda, à expansão das responsabilidades do Serviço, como os acréscimos do Espaço Cultural, da Ilha Fiscal, do Rebocador *Laurindo Pitta*, da Biblioteca da Marinha, tudo excepcionalmente bem planejado e executado, projetando a Marinha nos meios culturais e artísticos do Rio de Janeiro e do Brasil. E, por fim, vi o reconhecimento e o profundo agradecimento da Marinha aos serviços a ela prestados por Max Justo Guedes, alçando-o ao nível do almirantado!

E o seu dinamismo, o seu entusiasmo e a sua energia permaneciam os mesmos desde os seus primeiros dias de Serviço de Documentação. É um homem extraordinário!

Chegou então o dia da despedida, uma despedida saudosa, pesarosa, mas compreendida; um afastamento apenas físico, pois sua presença permanecerá por muito e muito tempo em cada vitrine, em cada canto ou parede de cada dependência do Serviço de Documentação da Marinha!

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<NOMES> / Guedes, Max Justo (Contra-Almirante Honorário)



Serviço de Documentação da Marinha



O SDM é o órgão responsável pela memória da Marinha. O Serviço de Documentação tem como atribuição estudar, pesquisar e divulgar a história marítima brasileira e conservar o patrimônio histórico e artístico da Marinha do Brasil.

Criado em 1943, o SDM reúne atualmente sete departamentos, distribuídos em cinco prédios históricos:

- na Sede Ilha das Cobras funcionam os Departamentos de Arquivo, de História Marítima, de Publicações e Divulgação e de Administração;*
- na Rua Dom Manuel (Praça XV) fica o Museu Naval;*
- no Espaço Cultural da Marinha estão atracados o Navio-Museu Bauru, o Submarino-Museu Riachuelo e o Rebocador-Museu Laurindo Pitta;*
- na Rua Mayrink Veiga está a Biblioteca da Marinha;*
- o SDM abrange ainda a Ilha Fiscal - local onde foi realizado o Último Baile do Império.*

Empenhado nesta árdua tarefa, o SDM tem desenvolvido, a cada ano, novos projetos, buscando maior interação entre a Marinha e a sociedade. Como resultado deste trabalho, cerca de 300 mil pessoas visitaram o Complexo Cultural da Marinha (SDM) em 2001.